
A INTELIGÊNCIA HUMANA E O CONHECIMENTO DO *LÓGOS*, SEGUNDO HERÁCLITO DE ÉFESO *

Ricardo Gonçalves **

Para a querida
Anna Lia A. A. Prado.

Por mais recuada no tempo que esteja a origem da filosofia ocidental, e ainda que permaneçam apenas como hipóteses as várias versões que dela nos dão os helenistas de todas as épocas, creio que seja um fato do qual ninguém discorde, que esta filosofia surgiu na Grécia, a partir do século VI a. C.. Não parece, também, haver qualquer dúvida de que foi na Jônia, nas costas da Ásia Menor, bem proximamente ao povo persa, onde esta nova forma de expressão teve seu ponto de partida.

Todos já ouvimos falar em alguns dos sábios que, por sua excentricidade, destacaram-se dos demais habitantes de suas cidades. Aprendemos que Tales de Mileto construiu um relógio de sol, e, quando de sua viagem ao Egito, determinou a altura das pirâmides, que teria desviado as águas de um rio por meio de uma inteligente estratégia de engenharia e que, segundo a tradição, em uma certa noite, enquanto caminhava e olhava para as estrelas, caiu em um poço. De Pitágoras nos contam que desenvolveu a matemática e a geometria, tendo ficado mais conhecido pelo teorema que leva o seu nome, além de ter dito que todas as coisas são *números* e de ter reconhecido, no latido de um cão, a voz de um amigo já falecido. Contudo, raramente alguém consegue entender o motivo de estes feitos terem dado a tais homens o título de *filósofos*; porém, não são estes feitos que os tornaram filósofos, mas o modo de eles pensarem o mundo.

Mais cedo ou mais tarde, alguém inventaria um *gnómon*, chegaria à forma de determinar a área de um triângulo retângulo e desenvolveria projetos arquitetônicos de dimensões monumentais, tais quais já eram produzidos pelos faraós, por exemplo. Pessoas de mente inventiva sempre houve e, nem por causa de suas invenções mais fantásticas chamamos esses inventores de filósofos. Então, se, por um lado, uma pessoa que cultivava suas habilidades intelectuais acaba tornando-se um grande gênio

sobressalente na sociedade; por outro, ela não pode, por esse motivo, ser chamada de filósofa.

Segundo os historiadores da filosofia, o que distinguia um sábio, um gênio, de um filósofo era o tipo de abordagem, o modo de considerar o mundo que estas duas espécies de homens tinham em vista. Um gênio da tecnologia gera inovações capazes de ser admiradas pelos outros homens, que apenas desfrutam dos benefícios ou sofrem os malefícios trazidos por suas invenções. A mente deste gênio está concentrada na solução de problemas práticos, como a cura de uma doença, a descoberta de uma vacina para evitar uma outra, a síntese laboratorial de uma substância com poder de tornar mais sólidas as construções, um modelo sócio-econômico-político que traga mais justiça ao país, a maquinação que tornará os seres humanos mais dóceis e submissos à vontade de uma minoria privilegiada etc. Na antiguidade também ocorria o mesmo ... O filósofo, ao contrário do gênio prático, apesar de também buscar soluções, não as procura para resolver problemas imediatos, mas para tentar entender a conexão existente entre todas as coisas e que não está evidente na maneira de elas se relacionarem. Se, por um lado, Tales de Mileto também se destacou como um excelente legislador e, portanto, como homem prático; por outro lado, procurou investigar o mundo em sua constituição interna; isto é, para ele, havia alguma coisa para além do que somos capazes de perceber por meio de nossos cinco sentidos. Tanto para ele quanto para outros homens notáveis, deveria haver uma *força* ou *entidade* constitutiva de todas as coisas, em que essas coisas que percebemos sensorialmente acabam, infalivelmente, transformando-se após sua decomposição. Esta *força* ou *entidade* é apresentada por esses *filósofos* como sendo o *princípio originante* e *unificante* de tudo o que existe. Como é possível notar, a especulação do filósofo não tem a menor importância, pois, conhecendo-se ou não este *princípio*, é certo que tudo continua a ser como era antes.

A respeito de tais homens, pensadores de inutilidades, é que vou falar, sobretudo acerca de um deles que, de tão excêntrico, conforme nos transmitiu uma tradição certamente anedótica, morreu em fezes¹: Heráclito de Éfeso.

* Recebido para publicação em 14/4/96.

** Coordenador do Regime de Iniciação Científica e professor do

Depto. de Filosofia e Ciências Sociais da USJT.

¹ Diógenes Laércio (*Vidas dos filósofos*. IX, 3) conta que Heráclito, após ter tomado uma postura misantrópica e, por isso, ter-se retirado nas montanhas, para longe do convívio de seus concidadãos, adoeceu de hidropisia, uma retenção anormal de líquidos no organismo. Indo à

Como ocorreu com a maioria dos filósofos pré-socráticos, de Heráclito somente nos chegaram fragmentos concisos de um pensamento aparentemente ininteligível. Até mesmo Sócrates que, segundo Platão, leu o livro de Heráclito, não compreendeu todas as suas facetas, sugerindo que somente um mergulhador de Delos seria capaz de penetrar sua profundidade². Por filósofos posteriores ele foi denominado *αινικτης* (enigmático) e *σκοτεινος* (obsuro). Seremos forçados a concordar com esses pósteros, caso leiamos seus fragmentos rapidamente e sem o cuidado de relacionar cada um ao conjunto de todas as outras sentenças, das quais 126 são consideradas originais por Diels-Kranz³.

Em muitas ocasiões, Heráclito não hesitava em criticar *οι πολλοι* (a maioria dos homens), por causa de sua inaptidão para reconhecer o *lógos* (*λογος*), o discurso e proporção do universo; estes são homens que não sabem ouvir e nem, portanto, dizer o mesmo que o *lógos* diz. É por aqui que vamos começar a estudar mais de perto o filósofo de Éfeso.

Fragmento DK 50 (HIPÓLITO. Refutação de todas as heresias. IX, 9)

ουκ εμου αλλα του λογου ακουσαντας
ομολογειν σοφον εστιν εν παντα ειναι.
"Não de mim mas do *lógos* tendo ouvido é
sábio homologar tudo é um".*

O fragmento DK 50 parece enunciar uma relação de exclusão entre o homem e o *lógos*, o que se confirma também por meio de vários outros fragmentos que citarei oportunamente. Heráclito conta-nos quantas coisas dependem do *lógos*: a partir dele, que é comum (fr. 2)⁴, todas as coisas nascem (fr. 1)⁵; ele é a proporção (fr. 31)⁶

cidade, através de enigmas consultou os médicos que, não sabendo decifrá-los, também não foram capazes de compreender o problema do filósofo. Assim, foi para um estábulo e, ao que parece, enterrou-se sob o esterco, esperando que o calor ali produzido fizesse evaporar a água. Deste modo, então, teria sido sua morte.

² DIÓGENES LAÉRCIO. *Op. cit.*, II, 22.

³ A abreviatura **DK** refere-se à versão grega dos fragmentos dos filósofos pré-socráticos, compilados por Hermann **DIELS** e Walther **KRANZ** na obra *Die fragmente der vorsokratiker*. Zürich, Weidmann, 1989. Vindo após uma tradução, um asterisco indicará que ela foi extraída da obra *Os pré-socráticos - fragmentos, doxografia e comentários*. trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 2 ed., 1978. Não havendo esse símbolo, a tradução terá sido de autores que indicarei; ou minha.

⁴ Fragmento DK 2 (**SEXTO EMPÍRICO. Contra os Matemáticos. VII, 133**):

διο δει επεσθαι τωι < ξυνωι, τουτεστι τωι > κοινωι ξυνος γαρ ο κοινος. του λογου δε εοντος ξυνου ζουουσιν οι πολλοι ως ιδιαν εχοντες φρονησιν. - "Por isso é preciso seguir o comum < pois o comum é o-que-é-com >; mas sendo o *lógos* o-que-é-com, vivem os homens como tendo inteligência particular."*

⁵ Fragmento DK 1 (**SEXTO EMPÍRICO. Contra os matemáticos. VII, 132**):

του δε λογου τουδ εοντος αι αξυνετοι γινονται ανθρωποι και προσθεν η ακουσαι και ακουσαντες το πρωτον γινομενων γαρ παντων κατα τον λογον τονδε απειροσιν εοικασι, πειρωμενοι και επεων και εργων τοιουτων, οκοιων εγω διηγυμαι κατα φυσιν διαιρεων εκαστο ν και φραζων οκως χει. τους δε αλλους ανθρωπους λανθανει οκος

que mede as transformações do fogo (o elemento que, segundo nosso filósofo, sofrendo inúmeras transformações, origina os mais diversos seres existentes) e ele mesmo "está aí" para ser ouvido pelos homens, que têm a oportunidade de "dizer o mesmo", de "concordar" que todas as coisas são, na verdade, uma só (fr. 50). E os homens, como Heráclito os descreve? São resistentes ao conhecimento do *lógos*, porque manifestam uma particularização da inteligência (fr. 2); agem como surdos (fr. 34)⁷, assemelhando-se a inexperientes (fr. 1), não compreendendo a harmonia de tensões contrárias (fr. 51)⁸. Desta maneira, o conhecimento que pode ser adquirido através da audição do *lógos* não se concretiza como um "saber dos homens". Isto é, estando voltados para si mesmos, assim como fazem quando se encontram dormindo (fr. 89)⁹, os homens permanecem fechados ao conhecimento do *lógos*.

Há, também, uma nítida oposição entre o *lógos* e os homens. Heráclito nos diz que o *lógos* é *sempre* (*εοντος αι*), em oposição aos homens que, como todas as coisas, *vêm a ser* segundo o *lógos* (*γινομενων παντων κατα τον λογον* / tornando-se todas as coisas segundo o *lógos* [fr. 1]). Esta é uma indicação da anterioridade do *lógos* "que sempre é" com relação ao homem "que vem a ser". Além disto, se todas as coisas vêm a ser segundo o *lógos*, que delas é "proporção", Heráclito talvez o considerasse superior. Contudo, apesar desta oposição, Heráclito não parece admitir que o *lógos* rejeite os homens, pois ele proporciona as condições para que todas as coisas venham a ser, bem como o

α εγερθεντες ποιουσιν, οκωσπερ οκοσα ευδοντες επιλανθανονται. "Deste *lógos* sendo sempre os homens se tornam descompassados quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse *lógos*, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa quanto fazem despertos, tal como esquecem quanto fazem dormindo."*

⁶ Fragmento DK 31 (**CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Tapeçarias. V, 105**):

πυρος τροπαι πρωτον θαλασσα, θαλασσης δε το μεν ημισυ γη, το δε ημισυ πρηστηρ. <γη> θαλασσα διαχεεται, και μετρεται εις τον α υτον λογον, οκοιος προσθεν ην η γενεσθαι γη. "Direções do fogo: primeiro mar, e do mar metade terra, metade incandescência ... Terra dilui-se em mar e se mede no mesmo *lógos*, tal qual era antes de se tornar terra."*

⁷ Fragmento DK 34 (**CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Tapeçarias. V, 116**):

αξυνετοι ακουσαντες κωφοισιν εοικασι φατις αυτοισιν μαρτυρει π αρεοντας απειναι. "Ouvindo descompassados assemelham-se a surdos; o ditado lhes concerne: presentes estão ausentes."*

⁸ Fragmento DK 51 (**HIPÓLITO. Refutação de todas as heresias. IX, 9**): ου ξυνιασιν οκως διαφερομενον εωτοι ομολογει παλιντροπος αρ μονη οκωσπερ τοξου και λυρης. "Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia retornante, como de arco e lira."*

⁹ Fragmento DK 89 (**PLUTARCO. Da superstição. 3, p. 166 C**): ο Ηρακλειτος φησι τοις εγρηγοροσιν ενα και κοινον κοσμον ειναι, των δε κοιωμενων εκαστον εις ιδιον αποστρεφεσθαι. "Heráclito diz que para os despertos um mundo único e comum é, mas os que estão no leito cada um se revira para o seu próprio."*

conhecimento para os homens. Por sua vez, os homens também não rejeitam voluntariamente o *lógos*: sua pouca ou nenhuma capacidade para ver para além das aparências é que os impede de atingir um grau mais elevado de abstração. Os homens rejeitam o *lógos* por nada além de pura ignorância.

Se, por um lado, o *lógos* e os homens se afastam, por outro, há um ponto de convergência entre ambos. Nesta sentença DK 50, é justamente o particípio aoristo ακουσαντας (tendo ouvido) que indica a efetivação da relação homem-*lógos*. Isto porque quem¹⁰ ouviu o *lógos* é capaz de concordar. Mas, quem são os *que ouviram* (ακουσαντες)? Os homens todos? Uma parte deles? E Heráclito, em qual destes grupos poderia ser incluído? Ou estará ele excluído destes dois grupos, compondo um terceiro? Esta sentença provoca tais dúvidas, cuja solução é preciso tentar encaminhar.

Heráclito inicia o aforismo com a humildade que se espera de todo verdadeiro filósofo, negando o próprio conhecimento. “Não de mim — diz ele — mas do *lógos* tendo ouvido ...”. Devemos subentender aqui ainda mais: “todas as vezes em que foram ouvintes, foram-no não de mim, mas do *lógos*.” Contudo, ao mesmo tempo em que nega sua verdade particular para exaltar a verdade do *lógos*, o efésio faz concordar com este mesmo *lógos* o seu próprio discurso. Desta maneira, os que ouviram tiveram duas alternativas para tornar-se sábios, passando, portanto, a *homologar*: a primeira é ter ouvido o *lógos*; a segunda, ter ouvido Heráclito. Ambos são um e o mesmo caminho, com a diferença de que ouvir o *lógos* por si mesmo é ouvi-lo sem ajuda; ouvi-lo por meio de Heráclito é ouvi-lo com o auxílio de um mestre. O ouvinte que se deixa acompanhar por Heráclito, de fato, não o ouvirá, mas sim o *lógos* que se manifesta através de suas palavras (λογοι). O ensinamento será eficaz enquanto Heráclito for o mestre que fala em nome do *lógos*, já que nem toda palavra é *lógos*, conforme nos indicam os fragmentos DK 19, 40, 73, 87, 104, 108, 112 e 114¹¹.

¹⁰ O sujeito do particípio não se encontra expresso na transmissão de Hipólito, o que nos conduz a pensar que Heráclito esteja se referindo aos *homens todos*. Para entender esta referência é preciso transcrever a citação do Padre da Igreja: Ηρακλειτος μεν ουν φησιν ειναι το παν διαιρετον αδιαιρετον, γενη τον αγενητον, θνητον αθανατον, λογον αιωνα, πατερα υιον, θεον δικαιον ουκ εμου αλλα του λογου ακουσαντας ομολογειν σοφον εστιν εν παντα ειναι, ο Ηρακλειτος φησι, και οτι τουτο ουκ ισασι παντες ουδ ε ομολογουσιν, επιμεμφεται ωδε πως (...) — “Heráclito, portanto, diz ser o todo divisível indivisível, gerado não gerado, mortal imortal, *lógos aión*, pai filho, *theón dikaion*; 'não de mim mas do *lógos* tendo ouvido é sábio concordar tudo ser um', Heráclito diz, e porque isto não sabem todos e nem concordam, censura-os mais ou menos assim: (...)”. É provável que o sujeito de ακουσαντας (tendo ouvido) seja παντες (todos), os quais τουτο ουκ ισασι (isto não sabem), o que faz sentido.

¹¹ Fragmento DK 19 (CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Tapezarias*. II, 24.): ακουσαι ουκ επισταμενοι ουδ ειπειν. “Homens que não sabem ouvir nem falar.” / Fragmento DK 40 (DIÓGENES LAÉRCIO. IX, 1): πολυμαθη νοον εχειν ου διδασκει Ησιοδον γαρ αν εδιδαξε και Πυθαγορη αυτις τε Ξενοφωνα τε και Εκαταιον. “Muita instrução não ensina a ter inteligência; pois teria ensinado Hesíodo e Pitágoras,

Por meio da análise destes fragmentos podemos extrair de Heráclito uma tripla distinção: Heráclito é um homem diferente da maioria, pois, cercado por todos os lados pelo *lógos* (assim como o estão todos os outros homens), consegue reconhecê-lo; todos os homens podem ouvir o *lógos* comum a todos, mas, tanto aqueles que a ele ainda não prestaram atenção, quanto os que o ouviram pela primeira vez, ou, ainda, aqueles outros que esquecem tanto as coisas que fazem acordados quanto as que fazem dormindo (cf. fragmento DK 1) encontram-se afastados deste *lógos*, assim como de Heráclito, que ouviu e ouviu o que eles ainda não ouviram; o *lógos* é o falante que *está aí* para ser ouvido, mas que, como o senhor a quem pertence o oráculo de Delfos, “nem diz nem oculta, mas dá sinais” (σημαινει [fr. 93]¹²). Aqueles que ouviram o *lógos*, e os que se dispuserem a ouvi-lo, caso não demonstrem estar suficientemente aptos para compreender seus sinais, devem procurar um guia que, através de palavras capazes de traduzir aqueles sinais, lance uma luz sobre seu caminho. Aqueles que, como Heráclito, esforçarem-se para captar o sentido dos sinais, não somente vão ouvir as palavras dos “homens divinos” que já ouviram o *lógos*, mas também terão uma experiência do pensamento com o *lógos*, pelo qual estão penetrados e do qual nasceram. Desta experiência, quando bem vivida, resultará, infalivelmente, o *homologar*, o *dizer o mesmo*.

Não obstante o reconhecimento do *lógos* por parte de Heráclito, nesta sentença DK 50 o efésio ressalta a distinção entre ele próprio e o *lógos*. “*Não de mim*, mas do

Xenófanes e Hecateu.”* / Fragmento DK 73 (MARCO AURÉLIO. IV, 46): ου δει ωσπερ καθευδοντας ποιειν και λεγειν. “Não se deve agir nem falar como os que dormem.”* / Fragmento DK 87 (PLUTARCO. *Do que se deve ouvir*. 7, p. 41 A): βλαξ ανθρωπος επι παντι λογοι επτοησθαι φιλει. “Um homem tolo gosta de empolgar-se a cada palavra.”* / Fragmento DK 104 (PROCLUS. *Comentário ao Alcibiades I*. p. 525, 21): τις γαρ αυτων νοος η φρην; δημων αιδοισι πειθονται και διδασκαλοι χριωνται ομιλωι ουκ ειδοτες οτι οι πολλοι κακοι, ολιγοι δε αγαθοι. “Pois que inteligência ou compreensão é a deles? Em cantores de rua acreditam e por mestre têm a massa, não sabendo que ‘a maioria é ruim, e poucos são bons’.”* / Fragmento DK 108 (ESTOBEU. *Florilégio*. I, 174):

οκοσων λογους ηκουσα, ουδεις αφικνεται ες τουτο, ωστε γινωσκειν οτι σοφον εστι παντων κεχωρισμενον. — “De quantos ouvi as lições, nenhum chega a esse ponto de conhecer que a (coisa) sábia é separada de todas.”* / Fragmento DK 112 (ESTOBEU. *Florilégio*. I, 178): σωφρονειν αρετη μεγιστη, και σοφιη αληθεα λεγειν και ποιειν κατα φουσιν επαιοντας. “Pensar sensatamente (é) virtude máxima e sabedoria é dizer (coisas) verdadeiras e fazer segundo (a) natureza, escutando.”* / Fragmento DK 114 (ESTOBEU. *Florilégio*. I, 179): ξυν νοοι λεγοντας ισχυριζεσθαι χρη τωι ξυνωι παντων, οκωσπερ ν ομοι πολις, και πολυ ισχυροτερος. τρεφονται γαρ παντες οι ανθρωποι νομοι υπο ενος του θεου κρατει γαρ τοσουτον οκοσον θελει και εξαρκει πασι και περιγινεται. - “(Os) que falam com inteligência é necessário que se fortaleçam com o comum de todos, tal como com a lei a cidade e muito mais fortemente; pois alimentam-se todas as leis humanas de uma só, a divina; pois domina tão longe quanto quer, e é suficiente para todas (as coisas) e ainda sobra.”*

¹² Fragmento DK 93 (PLUTARCO. *Dos oráculos da pitonisa*. 21 p 404 D):

ο αναξ, ου το μαντειον εστι το εν Δελφοις, ουτε λεγει ουτε κρυπτει αλλα σημαίνει. “O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais.”*

lógos tendo ouvido, é sábio homologar". Com isto, Heráclito parece querer dizer: "Tendo (os homens) ouvido as palavras que eu pronunciei, se a partir dessa experiência auditiva resultar a homologação, o *dizer o mesmo*, o *concordar*, é porque o que eles ouviram não foram minhas palavras, não foi a minha opinião (*δοξα*), mas o *lógos* que se expressou através de mim". Assim, ao *pensar sensatamente, dizer (coisas) verídicas e agir segundo a natureza*, frutos da escuta comprometida com a verdade, Heráclito se torna um mensageiro do *lógos*.

Por tudo isto percebemos que o verbo ακουειν (ouvir) desempenha um papel fundamental no pensamento de Heráclito, ainda mais elevado do que o do verbo οραν - ver (Bailly, 1950, p. 1396). Do ouvir depende o reconhecimento da "harmonia dos contrários". Ora, o ouvir nos remete, necessariamente, ao falar (λεγειν), pois os que ouvem verdadeiramente o *lógos* são capazes de "*dizer o mesmo*" (ομολογειν) que o *lógos* diz. A audição e a fala não são independentes entre si, mas formam um conjunto (Rousseau, 1970, p. 286). Do mesmo modo, o *ouvir* e o *estar de acordo* se complementam, sendo que a ação de ouvir vem em primeiro lugar, visto que, por meio do *ouvir com sobriedade* é que se desencadeia o *concordar*¹³. Segundo Heráclito, concordamos depois de ouvir, e o que há para ser ouvido e homologado com aquela sobriedade é, precisamente, a *harmonia de tensões contrárias* (fr. 51), que é bela (fr. 8)¹⁴ e descrita como *aparente* e como *não aparente* (fr. 54)¹⁵.

Em virtude desta ligação entre o ακουειν (ouvir) e a αρμονιη (harmonia), sinto a necessidade de fazer uma referência aos pitagóricos, a fim de, quem sabe, encontrar nesses filósofos a fonte de inspiração de nosso Heráclito.

De acordo com a concepção pitagórica, a Unidade, princípio numérico, identificada ao *ponto*, na geometria, e a *Deus*, na ética (Kirk-Raven, 1969, p. 339), que era também considerada "como elemento material das coisas" (Idem, ibidem, p. 348) era uma forma primitiva de *átomo* (Idem, ibidem) e, portanto, constituía todas as coisas. Os pitagóricos atribuíam ao Um a qualidade de *limitado* (περας). Assim, para eles, limitado era o princípio fundamental individual de todas as coisas. Por outro lado, o *vazio* (το κενον), circundando o Um, era por eles chamado de *ilimitado* (απειρον). A inalação do vazio pelo Um terminou provocando a ruptura deste, originando-se o *dois*, na aritmética, e a *linha*, na geometria. Desta maneira,

¹³ Rousseau refere-se ao fragmento DK 19, em que estão ligados ακουσαι (ouvir) e ειπειν (falar). Mas é possível utilizar o mesmo comentário no que se refere à relação ακουσαντας (tendo ouvido) e ομολογειν (dizer o mesmo, concordar) deste fragmento DK 50.

¹⁴ Fragmento DK 8 (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. VIII, 2, 1155 b 4): Ηρακλειτος το αντιξουν συμφερον και εκ των διαφεροντων καλλιστην αρμονιαν [και παντα κατ εριν γινεσθαι]. "Heráclito (dizendo que) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia"*

¹⁵ Fragmento DK 54 (HIPÓLITO. *Refutação de todas as heresias*. IX,9,5): αρμονιη αφανης φανερης κρειττων. "Harmonia invisível à visível superior."*

a produção do Universo depende da *repetição* do Um. O que mais nos importa aqui é o fato de os pitagóricos terem, provavelmente, no seu estudo dos *harmônicos* compreendido a música como uma relação entre o par de opostos *limitado* e *ilimitado*¹⁶. Estudando o monocórdio, perceberam que havia uma relação proporcional entre o comprimento da corda e o som por ela produzido. Encontraram, assim, a escala musical. Os sons baixos e altos formam um *contínuo indefinido*, isto é, uma seqüência tal que, ao menos teoricamente, teria extensão ilimitada para além dos dois extremos da escala musical. Assim, a música era considerada pelos pitagóricos como a imposição de limites ao contínuo ilimitado dos sons. Isto os teria conduzido a imaginar que "se a escala musical depende simplesmente da imposição de definidas proporções sobre o indefinido contínuo de sons entre o alto e o baixo, não poderiam os mesmos princípios, o *limite* e o *ilimitado*, subjazer a todo o universo?" (Kirk-Raven, 1969, p. 323). Isto quer dizer que, assim como há harmonia na música, também ela existe no universo como um todo. E mais: a harmonia não é imperceptível, mas captável, sobretudo, por meio da audição (ακη), de modo que ouvir é estar em contato com a harmonia, tanto a da música¹⁷ quanto a do universo como um todo¹⁸.

O fragmento DK 1 de Filolau de Crotona¹⁹, um outro filósofo pré-socrático, proporciona uma maior compreensão acerca do universo como produto da adjunção de περας [limite] e απειρον [ilimitado] (Boussoulas, 1959, p. 393): a φυσικς (natureza íntima de todas as coisas) é o "produto harmonioso da reconciliação dos contrários, fruto integral da nupcialidade das tensões

¹⁶ Kirk-Raven, 1969, p. 341. Não é possível deixar de fazer aqui uma referência ao milésio Anaximandro que, segundo Aristóteles (*Física*. III, 4, 203 b 7), Simplicio (*Física*. 24, 13), Hipólito (*Refutação*. I, 6, 1-2) e Plutarco (*Tapeçarias*. 2) foi o primeiro a dizer, contrariamente ao que havia exposto seu mestre Tales, ser o princípio de todas as coisas απειρον (ilimitado). Todos os seres que deste *ilimitado* procediam, por estarem submetidos à geração (γενεσις) e à corrupção (φθορα), estariam penitenciando-se pelo simples fato de existir e por desejarem permanecer na existência além do tempo fixado, caracterizando o que Anaximandro teria chamado de *αδικια* (injustiça). Assim, por um lado, este filósofo de Mileto nos fala do princípio, *το απειρον* (o ilimitado) e, por outro, dos seres dele derivados, estes *limitados* (ορισμενοι) e não ilimitado como aquele (cf. *FP*. pp. 152-175). Os pitagóricos, então, teriam utilizado o mesmo par de opostos (περας [limite] e απειρον [ilimitado]) para iniciar a lista de sua tábua e justificar a existência de todas as coisas como sendo uma mistura proporcionada destes opostos (cf. *FP*. pp. 332-341).

¹⁷ "A crase musical que envolve em seu seio toda uma constelação de relações matemáticas é toda inteira regida pela harmonia que procede da harmonização dos contrários." (BOUSSOULAS, 1959, p. 393.)

¹⁸ Fragmento DK 10 de FILOLAU (Nicômaco. *Aritmética*. , 19, p. 115, 2):

Αρμονια δε παντως εξ εναντιων γινεται εστι γαρ αρμονια πολυμιγεων ενωσις και διχα φρονεοντων συμφρονησις. - "Harmonia nasce de (coisas) completamente contrárias; pois harmonia é unificação e concordância dos seres que pensam de dois modos."

¹⁹ ΔΙΟΓΕΝΗΣ ΛΑÉRCΙΟ. VIII, 85: α φυσικς δ εν τωι κοσμωι αρμοθη εξ απειρων τε και περαινοντω ν, και ολος < ο > κοσμος και τα εν αυτωι παντα. - "A natureza, no cosmo, foi harmonizada [construída] a partir de (coisas) ilimitadas e de limitadas, o cosmo todo e todas (as coisas) nele."

opostas que o Um - causalidade suprema - engloba e une em seu seio” (*Idem*, p. 394).

Isto, ao mesmo tempo em que é pitagórico, soa-nos, também, bastante heraclítico, a ponto de não ser possível distinguir o que provém de um e o que procede de outro²⁰. Todavia, mais importante do que descobrir onde se originaram as idéias filosóficas de ακουειν (ouvir) e αρμονιη (harmonia) é saber que, para Heráclito, não há homens sábios que não se exercitem seriamente na arte do *ouvir*. É preciso insistir em assinalar, neste fragmento DK 50, o modo enfático do advérbio de negação (ουκ = não), que age sobre o pronome de primeira pessoa (εμου=de mim), reforçando a afirmação do *lógos*, este que deve ser ouvido. Εμου (de mim) deve ser compreendido em sentido abrangente, e não ser restringido somente a uma pessoa. Isto é, todos aqueles homens que conheceram o *lógos* são seus transmissores, cada um deles um *eu* cujas palavras, quando pronunciadas em seus próprios nomes, não devem ser ouvidas, uma vez que não vêm do *lógos*, pois nem toda palavra é *lógos*; contudo, quando suas palavras anunciarem aquela sabedoria que consiste em *concordar* que *tudo é um*, então o *lógos* estará falando por meio deles.

O mesmo que fez Hipólito no contexto da *Refutação de todas as heresias*, fiz eu aqui. Ele atribuiu a ακουσαντας (tendo ouvido) o sujeito que aparece na seqüência de seu texto em DK 1, isto é, *os homens*. Este particípio aoristo, enunciado no acusativo plural, não poderia ter como sujeito nenhum dos substantivos contidos na sentença, todos no singular, com exceção de παντα (todas as coisas), no neutro plural, que poderia estar também no acusativo. Porém, relacionar diretamente ακουσαντας (tendo ouvido) e παντα (todas as coisas) nos remeteria à impossibilidade de compreender o aforismo. De acordo com a sintaxe grega, ακουσαντας (particípio masculino plural), nesse contexto, só pode referir-se ao sujeito oculto de ομολογειν (dizer o mesmo, concordar), isto é, τινας (alguns) ou ανθρωπους (homens).

Em seu *Comentário à refutação das heresias*, Ramnoux propôs que se fizesse uma leitura combinada deste fragmento, uma vez que são importantes algumas ressalvas feitas por vários autores (*Ramnoux*, 1970, pp. 88-9). Foram consideradas três diferentes traduções:

1. aquela aceita por Diels, Kranz e Kirk: “Ouvindo não a mim, mas o *lógos*, é sábio concordar que tudo é um.”

2. aquela de H. Gomperz, que utiliza a palavra δικαιοιν (justo; coisa justa), antecedente imediata da sentença de Heráclito (cf. acima, nota 10), colocando-a como cabeça do fragmento: “É justo, ouvindo não a mim, mas o *lógos*, concordar que o Um, o Sábio, conhece todas as coisas.”²¹

²⁰ Tanto os pitagóricos quanto Heráclito falam em harmonia, conjunções de opostos em constante tensão e em *phýsis* como efetivação da harmonia dos opostos. Disto advém a seguinte pergunta: tais idéias procedem dos pitagóricos ou de Heráclito?

²¹ Assumir que δικαιοιν pertença à sentença de Heráclito não comporta coerência. Δικαιοιν faz oposição a θεον, seguindo a linha dos opostos

3. aquela de Cherniss, que considera necessário suprimir εν παντα ειναι [ειδεναι] (um ser todas as coisas [saber]): “Ouvindo, não a mim, mas o *lógos*, é sábio concordar.”

O manuscrito de Hipólito traz, no final da sentença, o verbo ειδεναι (*saber*), com o que concorda a maior parte dos intérpretes (*Ramnoux*, 1968, p. 442). Por fazer sentido no contexto de Hipólito, que na seqüência de ειδεναι diz: και οτι τουτο ουκ ισασι παντες ουδε ομολογουσιν, επιμεμφεται [Ηρακλειτος] ωδε πως ου ξυνιασιν οκως διαφορομενον εωυτωι ομολογει παλιντροπος αρμονιη οκω σπερ τοξου και λυρης (E porque isto não sabem todos e nem concordam, censura-os [Heráclito] mais ou menos assim: não compreendem como discordante consigo mesmo concorda; harmonia retornante, como de arco e de lira.), H. Gomperz manteve o verbo ειδεναι (*saber*), considerando que Hipólito tenha repetido a palavra para fazer o encadeamento (*Ramnoux*, 1970, p. 89). No entanto, não vemos no citado trecho nenhuma palavra repetida. Pode ser entendida como repetida a idéia comum tanto a ειδεναι (*saber*) quanto a [ουκ]ισασι ([não] sabem); mas *saber* está imediatamente ligado a εν (um) e παντα (todas as coisas), referindo-se a του λογου (do *lógos*). Por outro lado, *não sabem* refere-se ao sujeito de ακουσαντας (tendo ouvido), isto é, *eles, os homens* e, sendo assim, a ligação da sentença de Heráclito com a seqüência da exposição de Hipólito através da idéia de *saber* não é necessária.

Há ainda a estudar, neste fragmento, a palavra *lógos* que, segundo Michel Fattal (*Fattal*, 1986, p. 143), passou, na evolução da Língua Grega, do significado *distributivo* para o *declarativo*. Este autor, seguindo H. Fournier e P. Chantraine²², chama *distributiva e racional* a acepção da raiz λεγ- (leg-) que, em Homero, exprime “reunião,

enunciados anteriormente por Hipólito. Foi uma boa coisa Ramnoux ter separado em duas colunas os opostos, e sua tradução é esta:

“Heráclito diz, pois, que o Todo é

Um

Divisível	Indivisível
Nascido	Não-Nascido
Lógos	Aión
Pai	Filho
Theón	Dikaion.” (<i>Ramnoux</i> , 1970, p. 75)

A oposição entre θεον (deus) e δικαιοιν (justo) pertence à terminologia gnóstica. *Theón* designaria o Deus do Antigo Testamento, enquanto que *Dikaion* é o Princípio da Justiça, a concepção renovadora da imagem divina no Novo Testamento (*Idem*, p. 76, nota 5). Hipólito tenta mostrar como Noetos e seus seguidores são discípulos de Heráclito e não de Cristo, já que atribuem a Deus as qualidades que o efésio reconhecia para seu *lógos*, isto é, qualidades opostas e conflitantes que coexistem e formam um todo (*Idem*, pp. 74-5). Era uma das heresias noéticas. Não se justifica, segundo a tradução de H. Gomperz, que *Dikaion* seja considerado como atributo da sentença infinitiva cujo verbo é ομολογειν (dizer o mesmo, concordar).

²² Respectivamente: *Les verbes “dire” en Grec Ancien*. Paris, Klincksieck, 1946, pp. 53 ss. / *Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque*. Paris, Klincksieck, 1968.

colheita [coleta], escolha”²³, bem como a acepção de “conta, enumeração, alistamento”²⁴. Em todos os casos em que aparece a raiz λεγ- (leg-) é latente o conceito de “organização, cálculo, intenção” (Fattal, 1986, p. 144). Conforme, ainda, ao que relata Fattal, o significado **declarativo** da raiz λεγ- (leg-), isto é, **dizer**, passa a desenvolver-se a partir das epopeias homéricas, mesmo que nelas λογος (lógos) e λεγειν (dizer) não tenham chegado a significar precisamente “calcular, estimar, pensar”²⁵.

O problema encontrado pode ser expresso de outro modo nos seguintes termos: “Mas se **légo** e **lógos** designam o dizer e a palavra como nos é sugerido por Fournier, como compreender essa passagem do reunir ao dizer, da coleção ao discurso, do valor distributivo e racional ao valor declarativo?” (Fattal, 1986, p. 144). Esta dificuldade resolve-se através de uma analogia: do mesmo modo que por meio da sensibilidade experimentam-se e escolhem-se vários objetos para os reunir, assim também a consideração de um repertório de palavras determina a escolha de umas dentre elas e sua conseqüente reunião em um discurso organizado (Idem, pp. 142-52). “O dizer torna-se uma ação sintética ao mesmo nível que o reunir. É aqui que surge o sentido de **légo** enquanto dizer” (Idem.).

O objetivo destes breves comentários é o de introduzir as questões: **o que significa lógos para Heráclito?; como traduzir esta palavra no contexto heraclítico?.** Para aproximar-nos delas é preciso recolher os fragmentos em que aparece o **lógos** e observar as relações mais freqüentes que mantêm.

Em Heráclito, **lógos** está sempre ligado a κοσμος (cosmo) ou φρονησις (pensamento). Ele age sobre a ordem cósmica e a governa (Idem, p. 146), bem como determina a distinção entre o **pensamento particular** (ιδιαν φρονησιν [DK 2]) e o **pensar comum a todos** (φρονειν ξυνον πασι), o **pensar com sensatez** (σωφρονειν)²⁶. Para que se determinem seus atributos deve-se compreender também que é apreensível e compreensível; quer dizer, entender o **lógos** significa entender também sua relação com a inteligência dos

homens. Os que não possuem inteligência são justamente os incapazes de compreender o **lógos**, conforme nos indicam os fragmentos DK 1, 2, 50, 72 e 108²⁷. Todas estas sentenças anunciam uma relação interrompida entre o homem e o **lógos**, salvo o fragmento DK 50²⁸. Sendo assim, governando o **lógos** todas as coisas, e sendo o homem capaz de reconhecê-las através da inteligência, então, a melhor tradução para esta palavra parece, para Fattal, **inteligência** (Fattal, 1986, p. 150). Traduzir **lógos** por **inteligência** significaria consentir que ele, enquanto universal, enquanto “*comum a todos*” (ξυνον πασι [cf. fr. DK 112]), é, também, o que proporciona aos homens terem uma inteligência, não a particular (ιδιαν φρονησιν [cf. fr. DK 2]), mas um pensar sensato, um σωφρονειν (cf. fr. DK 116). Porém, será adequado este vocábulo para traduzir **lógos**?

Antes de mais nada, ao falar em **inteligência** é preciso que nos lembremos de que em Heráclito também encontramos o νοος, a **inteligência** que não depende da “muita instrução” (fr. 40), mas que se fortalece com o “comum de todos” (fr. 114). O **lógos** é o comum de todos (fr. 2), e a inteligência do homem o liga ao **lógos**. É ela que permite ao homem ter também um **lógos** e possuir uma participação mais profunda no **comum de todos** (fr. 39)²⁹.

De acordo com Fattal, uma vez que **palavra** e **ensinamento** estão a serviço do **lógos**, não se prestam a ser boas traduções para ele (Fattal, 1986, p. 150), ao menos no contexto dos fragmentos de Heráclito. Do mesmo modo, este autor diz que **pensamento** também não é uma boa alternativa de tradução, pois, surgindo ao mesmo tempo, **palavra** e **pensamento** não são capazes de satisfazer o significado muito mais profundo (**absoluto**, eu diria, já que o **lógos** abrange a palavra, o ensinamento e o pensamento, ultrapassando-os) de **lógos** (Idem.).

Fattal diz, ainda, que o fragmento DK 114 justifica a tradução de **lógos** por **inteligência** e **lei** (νομος), já que “a inteligência divina é a lei mesma das coisas” (Idem, p. 151). Contudo, **lei** não traduz o aspecto dinâmico do **lógos**, que é “uma palavra que dura, exprime, formula e pensa”, pois o **lógos** é a “**inteligência-que-fala**”³⁰, e cujo falar não

²³ O autor cita vários exemplos: λεξασθαι, reunir jovens e velhos (Il. 8, 518-19); λεγοιμεθα, reunir homens corajosos (Il. 13, 276); λεγομεν – λεγωμεν – λεγοντο – αλληξα, recolher ossos (Od. 24, 72 / Il. 23, 239 / Il. 24, 793 / Il. 21, 320-21); λεγοντες – λεγεσθε – λεγων – λεξοντες, apanhar armas, madeiras ou pedras (Il. 11, 755 / Il. 11, 507 / Od. 18, 359 / Od. 24, 224).

²⁴ Λεξατο, enumeram-se doze jovens homens (Il. 21, 27); λεκτο, conta-se (Od. 4, 451-52) para alistar; ελεχθην – ελεγμην (Il. 3, 188 / Od. 9, 335) e λεξατο, escolher (Od. 24, 108).

²⁵ Idem. As palavras ressaltadas por FATTAL são διελεξατο (discutir) e αλεγοντες (não levar em conta), cf. Il. 11, 407 e Il. 16, 388, respectivamente.

²⁶ [Conforme:] **fragmento DK 112**; **fragmento DK 113** (ESTOBEU. Florilégio. I, 179): ξυνον εστι πασι το φρονειν. “Comum é a todos o pensar.”* ; **fragmento DK 116** (ESTOBEU. Florilégio. V, 6): ανθρωποισι πασι μετεστι γινωσκειν εωτους και σωφρονειν. “A todos os homens é compartilhado o conhecer-se a si mesmo e pensar sensatamente.”*

²⁷ Veja os fragmentos DK 1, 2, 50 e 108, citados acima. / Fragmento DK 72 (MARCO AURÉLIO. IV, 46): ωι μαλιστα διηνεκος ομιλουσι λογοι τωι τα ολα διοικουντι, τουτωι διαφερονται, και οις καθ ημεραν εγκυρουσι, ταυτα αυτοις ξενα φαινεται. - “Do **lógos** com que mais constantemente convivem, deste divergem; e (as coisas) que encontram cada dia, estas lhes parecem estranhas.”* /

²⁸ O fragmento 50 possui tom exortativo e, embora não indique claramente a falta de inteligência dos homens para conhecer o **lógos**, nele ela está sugerida, o que justifica sua inclusão neste grupo, por parte de FATTAL.

²⁹ Veja os fragmentos DK 2, 40 e 114, citados acima. Fragmento DK 39 (DIÓGENES LAÉRCIO. Vidas dos filósofos. I, 88): εν Πρινηνι Βιας εγενετο ο Τευταμεω, ου πλειων λογος η των αλλων. “Em Priene nasceu Bias, filho de Teutamias, cujo **lógos** é maior que o dos outros.”*

³⁰ Idem. Talvez Fattal não tenha percebido que o fragmento em questão estabelece uma comparação entre *os que falam com inteligência e a cidade*, entre o *comum de todos* e a *lei*. Assim, em DK 114 não parece

faz oposições, como nos casos de Parmênides (λογος [lógos] oposto a δοξα [opinião]) e Anaxágoras (νους [pensamento] oposto a χρηματα [fatos, coisas])³¹. O *lógos* de Heráclito também não subordina a prática à teoria e nem ορθε φυσικς [natureza íntima das coisas] a ειδος [forma, conceito], como se vê em Platão (Fattal, 1986, p. 152). O *lógos-inteligência-que-fala* de Heráclito “é cósmico, neste sentido em que ele não se coloca em termos de oposições radicais entre o teórico e o prático, o moral e o intelectual, o físico e o metafísico, mas se dá de uma maneira unitária e não separada, horizontal e não vertical” (Idem.). Isto quer dizer que o *lógos* não é compreendido como o que há de superior em uma hierarquia, mas como princípio disseminado no mundo, como fundamento de todo pensar, de todo dizer e de todo ser. Também, ο λεγειν [dizer] do *lógos* não é pura verbalização. Na verdade, quem verbaliza são os homens. O *falar* do *lógos* quer dizer *expressar-se, manifestar-se, estar presente e apresentar-se claramente*.

Por isso, ele é muito mais do que uma articulação de sons; de fato, o *lógos* prescinde dos sons, como prescinde também de símbolos gráficos que representem os sons. É claro que, por meio de tais articulações e de tais símbolos o *lógos* também pode falar, mas sua fala precede todo esforço que o mestre possa fazer para tentar atingir a compreensão de seus alunos. Afinal, temos em Heráclito o maior exemplo disto, pois, sem ter aprendido o *lógos* por meio do ensinamento de outro homem, aprendeu-o pela experiência de estar imerso nele e pela disposição de sua alma em deixar-se preencher pela fala do *lógos* em sua manifestação.

Chegando a este ponto e dando, momentaneamente, por encerrado este trabalho, pretendo chamar a atenção para a complexidade do reconhecimento dos significados dos conceitos aqui estudados. Há, ainda, muito o que investigar. Ou melhor, estamos em mais uma etapa da longa e eterna jornada da humanidade na iniciativa de, de algum modo, resgatar algo dos seus primórdios. Imagino que todos estejamos conscientes da impossibilidade de chegarmos aos antigos; porém, nem por isso, devemos abandonar as tentativas de fazer com que aqueles maravilhosos gregos continuem a viver na herança que deles recebemos e que os tornam vivos entre nós.

BIBLIOGRAFIA

- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*, Librairie Hachette, Paris, 1950.
- BOUSSOULAS, NI. *Les Pythagoriciens - essai sur la structure du Mélange dans la pensée présocratique*. In: *Revue de Méthaphysique et de Morale*, Librairie Armand Colin, nº 4, Paris, 1959, pp. 385-95.

FATTAL, Michel. *Le Logos d' Héraclite: un essai de traduction*. In: *Revue des Études Grecques*, Les Belles Lettres, tomo XCIX, Paris, 1986, pp. 142-52.

GRAMMATICO, Giuseppina. *Una aproximación al lógos heracliteo*. In: *Classica*, 5/6, São Paulo, 1992/1993, pp. 11-27.

KIRK, G. S., RAVEN, J. E. *Los filósofos presocráticos*. trad. Jesús García Fernández, Editorial Gredos S. A., Madrid, 1969.

RAMNOUX, Clémence. *Commentaire a la Réfutation des Hérésies*. In: *Études Présocratiques*. Éditions Klincksieck, Paris, 1970, pp. 67-121.

_____. *Héraclite ou l' homme entre les choses et les mots*, Les Belles Lettres, 2 ed., Paris, 1968.

ROUSSEAU, Philippe. *Les vrais termes de l' antithèse (Héraclite, fr. 19, 34, 87 DK)*. In: *Revue des Études Grecques*, Les Belles Lettres, tomo LXXXIII, Paris, 1970, pp. 283-300.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- GONÇALVES, Ricardo. *A inteligência humana e o conhecimento do lógos, segundo Heráclito de Éfeso*. In: **Integração Ensino↔Pesquisa↔Extensão**. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu. ano II (6), 1996, pp. 190-6.

haver, propriamente, a equivalência entre inteligência e lei, e nem a intenção de torná-las sinônimos de *lógos*.

³¹Fattal, 1986, p. 152.